

PAUL CLAUDEL

LUIZ DELGADO

Presidindo uma sessão do Conselho Estadual de Cultura, Gilberto Freyre sugeriu, com a autoridade do seu nome, bem maior que a de todos os seus cargos e seus títulos, que fizéssemos em conjunto, o Conselho e esta Academia Pernambucana de Letras, uma sessão em homenagem a Paul Claudel na passagem do centenário do nascimento do autor de *L'Annonce faite à Marie*. Nem o poeta Mauro Mota nem o ensaísta Nilo Pereira, convidados que foram, puderam assumir o encargo de falar com a segurança e o brilho com que saberiam fazê-lo, evocando diante de nós a figura e a obra dêsse escritor que foi um dos maiores de nosso tempo. Fui eu, então, convocado. Aceitei, para que a data, já muito próxima, não passasse em branco. Não quer dizer, porém, semelhante aceitação da tarefa, que eu me considere à altura nem de substituir a Nilo Pereira ou Mauro Mota, nem de falar sobre Claudel. Se, por caso, tamanha veleidade me tivesse acometido, cêdo me dissuadiria dela a primeira aproximação do assunto imenso. Ler Claudel, senti-lo, admirá-lo é uma coisa: procurar estabelecer uma síntese significativa do que êle foi e do que fez, é coisa bem diversa e bem difícil. Para mim, será impossível. “Quer dizer dêle, de sua obra imensa, que não fique abaixo do tema?” — perguntou o Conde Robert d’Harcourt, discursando em nome da Academia Francesa, na hora das exéquias, em março de 1955. Não venho, portanto — ai de mim! — fazer mais do que vos transmitir uma notícia apressada e tosca.

Dou-vos, com efeito, a notícia de que, aos 6 de agosto de 1868 — faz hoje um século, precisamente — nasceu Paul Claudel. Nasceu em uma aldeia, dentro de uma paisagem rural onde o sentido da tradição era vivo como era vivo o sentido do trabalho pesado, do duro apêgo à terra. E foi isso, o dis-

ciplinado e austero labor agrícola, o que êle primeiro viu, nos dias da infância, até que começasse a ir para outra cidade, fazendo seus cursos escolares e fixando-se, afinal, com a mãe e as irmãs, em Paris.

Se o homem nasceu em Villeneuve-sur-Fère, em Paris nascerá, no homem, o poeta. E um terceiro nascimento ocorrerá ainda, quando nele nascer o cristão.

O poeta nasce em Claudel quando êle conhece os versos de Rimbaud.

Tinha dezoito anos. Lera muito e já andava a escrever. É claro que iria ser um homem de letras. Mas, a literatura que então reinava e que êle rotularia, depois, de "literatura de descrições e de inventários", a do naturalismo, reflexo do cientificismo, não correspondia à sua alma que estava, no entanto, afogada nela. Quando Rimbaud lhe segreda que "a verdadeira vida está longe e nós não pertencemos ao mundo" (*la vraie vie est absente et nous ne sommes pas au monde*), — abrem-se horizontes insuspeitados ante o espírito de Claudel. O contacto com o que se poderia chamar a essência básica do universo, a efusão do ser das coisas no ser do homem florindo em música e beleza, apareceu àquêle adolescente fascinado como a sua vocação. No entanto, o que seria, nos simbolistas, um puro desprezo do material e do concreto, uma deleitação no impreciso, vai ser em Paul Claudel apenas uma advertência, preparando-o para um outro real que lhe será revelado depois.

Isso acontecerá quando, no fim dêsse mesmo ano de 1886, perambulando na noite de Natal, êle que está impregnado dos relativismos do século, que aprendeu as conversas de Renan, que não tem preocupações religiosas, entra na catedral de Nôtre Dame. Entra, à procura de sugestões poéticas. Põe-se a um lado, a ouvir um canto que vem a saber depois que é o hino de Nossa Senhora quando foi visitar Santa Isabel — o *Magnificat*: a minha alma engrandece ao Senhor...

Inesperadamente, sente-se ferido — como um outro Paulo ferido quando ia para Damasco. Mas, o outro Paulo andava à procura de Cristo — mesmo que fôsse para perseguí-lo; êste de agora, êste Paulo de sobrenome Claudel não cuidava de nada disso. Pelo menos, êle próprio não referiu êsse encontro a nenhuma ansiedade específica. Deus havia de ter perce-

bido, porém, subindo daquele coração, um oferecimento à verdade tão sincero, tão espontâneo, tão natural, que veio apanhá-lo assim de surpresa. "Num só instante, relatou Claudel, meu coração foi tocado e eu cri. Cri com uma tamanha força de adesão, com um tamanho levantar-se de todo o meu ser, com uma convicção tão poderosa, que, depois, nenhum livro, nenhum raciocínio, nenhum dos acasos de uma existência perturbada, conseguiu abalar minha fé ou, mesmo, embaçá-la."

Estará completo assim, depois dêsse tríplice nascimento o Paul Claudel que começará a correr os caminhos do mundo e a ser uma presença nos destinos da humanidade.

É certo que só dali a cinco anos, tendo estudado e refletido muito, ingressará na prática sacramental. Mas desde aquêle momento, surge nele a estrofe que poderá ser tomada como a legenda da sua vida e da sua arte, a sua chave, a sua explicação:

Salut, donc, ó monde nouveau à mes yeux, ó monde maintenant total!

Ó *credo* entier des choses visibles et invisibles! Je vous accepte avec un coeur catholique.

Em 1893, inicia êle a sua carreira profissional nos serviços diplomáticos. Depois de pequena permanência nos Estados Unidos, vai para o Extremo Oriente. Em Shangai, em Fu-Fcheu, em Tien-Tsin, em Pequim, não sòmente entra em contacto com uma cultura diferente, implicando uma diferente atitude espiritual, como é nessa atmosfera que se exercita e elabora uma parcela muito importante da arte que vai ser caracterizadamente sua. São poemas, são peças teatrais, são estudos guardados em suas gavetas, amadurecendo em sua sensibilidade.

Alguns anos depois, voltando à pátria, traz consigo uma pergunta. Não sabe se está no rumo certo: deve continuar a tratar dos negócios do mundo e a buscar exprimir em linguagem artística a humana comoção, ou deve deixar tudo isso e recolher-se, monge anônimo, em um claustro beneditino? Novamente vem de Deus a resposta e êle retoma as estradas poei-

rentas da terra onde o esperam, aliás, tentações que deixarão marcas em seus versos e vincos em sua alma.

Nessas alturas da vida, entre o comêço do século e o comêço da guerra, sua obra literária vai sendo conhecida e vai impondo-se. E é quando Albert Thibaudet solta o grito que recolho em Wladimir d'Ormesson: "a maior das ondas que o oceano da poesia jogou sôbre as nossas praias, desde Vitor Hugo". É uma onda, essa poesia de Paul Claudel, que assume apresentações variadas e contrastantes. Ao fazer teatro, ao estudar a Bíblia, ao auscultar a humanidade, o que Paul Claudel será sempre é poeta, mas "poeta" não no sentido de formulador de fantasias: poeta, no sentido de intérprete e recriador do real.

Pouco importa que, a par disso, os seus biógrafos e os seus críticos salientem a parte que teve em sua existência a sua exatidão profissional o seu zêlo. Diplomata como êle e seu amigo pessoal, o seu sucessor na Academia Francesa, o conde Wladimir d'Ormesson assinalou no discurso em que lhe fêz o elogio acadêmico, ter sido êle um funcionário não apenas atívíssimo mas escrupuloso. E conta: "em qualquer pôsto da carreira, Claudel levantava-se, todos os dias, às 6 horas da manhã e dirigia-se à igreja mais próxima, a fim de ouvir missa. Às 7 horas, sentava-se à sua secretária e ali ficava até às 10 horas, entregue à sua obra pessoal. Quando batiam 10 horas, parava — mesmo que estivesse no meio de uma frase, como um frade quando o sino toca. E dava início à sua vida de diplomata, às funções de chefe de família, às suas atividades sociais". Procedeu assim até que se aposentou.

Depois de ser cônsul na China durante muitos anos, veio transferido para a Europa, servindo em três ou quatro países, até que a guerra de 1914 foi apanhá-lo na Alemanha. Está o mundo, principalmente a França, em plena guerra, quando êle vem para o Brasil onde vai ter como companhia — segundo contou em seu poema *La Messe là-bas* — o aumento da luz, o Corcovado e as palmeiras. Mais tarde, será embaixador na Dinamarca, no Japão, nos Estados Unidos e na Bélgica — o que lhe proporcionou viver com as gentes mais diversas, nos cenários mais desiguais. Conheceu, assim, o globo em muitas latitudes e longitudes. Pôde, por isso, falar melhor a Deus

em nome da terra que percorrera em todos os sentidos, em nome das raças cujos olhos de vária côr fitara de frente e de perto. "Tantas terras deixei para traz" — suspirou um poema que, por sinal, foi escrito no Brasil. Se não as tivesse conhecido e deixado, como poderia ter assimilado no coração aquêlê universo total como que tanto se preocupou?

Ao longo de tantas viagens e de tantos encargos, a sua obra de poeta crescia. Crescia em tamanho, antes de mais nada: são mais de cinquenta volumes — e dizem que são incontáveis os seus inéditos. Suas cartas pessoais não são menos representativas do que os seus livros. Seus relatórios de diplomata revestem-se de grande importância política e histórica. E durante cinquenta anos manteve um diário de impressões íntimas que, só êle, valeria uma obra do escritor.

Mas, crescendo em tamanho, crescia ao mesmo tempo em profundidade e prestígio.

Em tôrno do muito que Claudel escreveu, muito se tem escrito. Uma larga literatura se organizou, a comentar e penetrar a literatura dêle. Realmente, êle se fêz uma das figuras intelectuais máximas do nosso século. Uma das maiores alegrias do fim de sua vida foi ver os seus dramas reconhecidos culturalmente como teatro e não apenas como poesia. Dois meses antes de morrer, foi êle próprio dirigir os ensaios de sua peça maior *L'Annonce faite à Marie* que, ao têrmo de longa e acidentada carreira, era incorporada ao repertório da Comédie Française.

Essa espécie de coroamento oficial do seu talento de dramaturgo e a que parece êle ter sido mais sensível do que à sua própria entrada na Academia Francêsa em 1946, não o comoveu tanto, porém, quanto um outro prêmio, não muito conhecido nem lembrado, que lhe foi concedido em 1950.

Foi quando o Papa Pio XII promoveu uma reunião, uma festa inédita no Vaticano. Na sala do Consistório que é o local de se reunirem os Cardeais para debater altos problemas eclesiásticos, veio o Pontífice sentar-se à frente de um auditório escolhido e solene, e doze artistas do Teatro Hebertot recitaram-lhe poemas de Paul Claudel.

No fim, o Santo Padre falou, saudando "o ancião genial a quem cada ano de vida parecia trazer uma renovação de

juventude e de fôrça" e louvando aquela "alma conquistada pela graça de Deus e que, desde a hora de ser conquistada, sempre ardente e jamais satisfeita, recorrendo a fórmulas novas, de vez em quando ousadas, se esforçava por exprimir em seu canto a fé e o amor de que estava cheia". Pio XII levantou Claudel que se ajoelhara a seus pés, abraçou-o e lhe deu um têrço do rosário de presente — o têrço que êle levou entre as mãos, sôbre o peito, dentro do esquite.

À saída, como um jornalista lhe perguntasse a impressão de tudo aquilo, Claudel respondeu com a pronta sinceridade do seu gênio, com o franco orgulho do seu caráter:

— Agora, posso morrer.

Era como se a Igreja que êle tanto amava, desse o retoque definitivo e o referendo final à forma que lhe cercava o nome ilustre na terra inteira.

A sua obra é imensa — já vo-lo disse — mas a vastidão se redobra e multiplica pela densidade e complexidade. Tem sido comparada a uma catedral gótica — pela segurança da arquitetura, pelo inesperado e variado dos elementos, pela riqueza dos ornatos. Houve quem achasse possível, no entanto, (o Conde Wladimir d'Ormesson), compará-la a um dêsses trípticos de pintores antigos, forma clássica na pintura religiosa, em que o mesmo pensamento central se apresenta sob três aspectos. Parece que, realmente, se pode compreender tudo em Claudel partindo-se de três intuições básicas: o amor como sacrifício, o sacrifício para a ressurreição e a ressurreição na alegria. Talvez Claudel esteja, de fato, aí.

O amor cujas faces tanto de virtude quanto de pecado êle conheceu, não é, em sua arte e em sua filosofia, uma aventura nem um jôgo, uma banalidade qualquer. É um empenho de todo o ser — êsse limitado ser humano que busca completar-se e que sofre. Logo que uma intenção de sacrifício — no duplo entendimento do vocábulo: como imolação e como santificação — penetre êsse oferecimento que o amor, o ser encaminha-se para uma integração uma superação que é, ao mesmo tempo, a plenitude do passado, a transposição do antigo em um nôvo mais perfeito: através do sacrifício, o amor re-nasceu em júbilo. Como na Nona Sinfonia de Beethoven.

Para expressar essa mensagem substancial do seu coração,

Claudel construiu uma técnica inteiramente sua, uma arte ampla e difícil, feita não só de sua inspiração intelectual mas até de seu organismo físico — e por isso êle terá modificado a estrutura do verso, substituindo a métrica pela respiração, e substituindo, no teatro, a carpintaria realística pelo movimento lírico, o dialogo terra a terra pelo contraponto poético.

Dentro dêsse veículo formal, colocou êle, talvez genialmente, as duas infinitas realidades do maravilhoso universo (e para êsse universalismo concorreu a experiência que teve, das terras e dos povos) e da alma redimida (e para êsse misticismo concorreu a experiência que teve, da oração e da piedade).

Claudel leu e releu o Antigo Testamento, meditou-o e analisou-o a ponto de se fazer um exegeta dêle — embora fôsse um exegeta que frequentemente irritava e aborrecia os outros; mais para viver do que para estudar, consagrou largos pedaços de sua vida a Isaías ou a Jó. Essa "intimidade sagrada" como disse Charles du Bos, que êle manteve com a Bíblia, não lhe conferiu sômente alguma coisa do seu ritmo, sinão também alguma coisa do seu pensamento e do seu caráter. É, um pouco, em perspectivas bíblicas, como que patriarca ou profeta, que êle pode ser compreendido.

Escutemos, pois, como êle fala, na abertura do seu impressionante comentário ao livro de Isaías:

"Na minha miserável maneira, eu me animo a comparar o bom Deus a um autor dramático que se fez responsável por um enrêdo, um belo enrêdo longamente, amorosamente, calculadamente, meticulosamente meditado. Trata-se, agora, de pô-lo em cena. E então, que balbúrdia, que generalizada sabotage! Que intérpretes êsse autor teve o gôsto de sair a procurar, êle próprio... O "ponto" com o texto na mão, quem sabe por onde anda, onde foi que se meteu? Mas, o problema principal é que aquilo não acaba nunca. É muito comprido e muito complicado. Todos aqueles idiotas, todos aqueles canastrões não sabem uma palavra dos seus papeis. O autor tem um acesso de raiva: pois, então, sou Eu mesmo que vou pisar no palco".

Eis aí como Paul Claudel imagina a história da humanidade e as intervenções divinas nela.

É verdade que, imediatamente, o comentarista esclarece: "entenda-se. Êsse Deus de que eu falo, é o Deus dos indiví-

duos grosseiros, o Deus das Escrituras. O Deus dos filósofos, é alguém tão cuidadosamente purificado de qualquer semelhança com a Sua criatura, que já não se pode saber em que é Ele o nosso Pai e em que somos nós a Sua imagem"...

Aqui, como vemos, aparece a ira, a truculência característica de Claudel, aquilo que tanto lhe foi censurado: as rudezas dêsse diplomata que, além do mais, sendo cristão, devia ser caridoso. Mas, para ele, o mundo é isto: esta confusão dos homens, atrapalhando a obra de Deus, fazendo raiva a Deus, obrigando-o a vir à terra. E figurando essa angústia divina, Claudel, de súbito, se lembra: "felizmente, houve homens que tiveram pena de Deus. Ele teve pena de todo mundo — e não haverá quem tenha pena d'Ele? Quem mais esquecido, quem mais desconhecido, quem mais ofendido, quem mais repellido, quem mais traído?"

Paul Claudel, no fundo do seu coração, eis o que me parece que foi: um dêsse profetas que tiveram pena de Deus e quiseram restaurar o plano divino em suas primitivas dignidade e pureza.

Se aceitarmos isso, acho que compreenderemos Claudel tanto na beleza das suas criações quanto no rigor das suas acusações. Pois, ele é um poeta que acusa:

Restez avec moi, Seigneur, parce que le soir approche et
ne m'abandonnez pas.

Ne me perdez point avec les Voltaire et les Renan et les
Michelet et les Hugo et tous les autres infames.

(...)

Ils sont morts et leur nom, même après leur mort, est
un poison et une pourriture.

Tôda gente sabe, tôda gente diz que é impossível separar-se em Claudel o poeta e o cristão. Pois, será precisamente por isso: porque o empenho do poeta de restabelecer o universo em sua ordem primeira e seu esplendor, é o mesmo empenho do cristão de restaurar a inocência em sua alma redimida pelo sangue do Cordeiro. Com isso, um e outro, o poeta e o cristão avançam no mesmo caminho, fazem uma só jornada. Daí, a sinceridade, a autenticidade dessa poesia. Escutai, num verso

que vem numa das *Cinco grandes odes*, o que ela quer: mon désir est d'être le rassembleur de la terre de Dieu. Reunir a terra criada por Deus, as pedras e as almas, no mistério da palavra e na oferenda do cântico:

Vous ne m'avez pas donné de pauvre à nourrir ni de
malade à panser

Ni de pain à rompre, mais la parole qui est reçue plus
complètement que le pain et l'eau, et l'âme soluble
dans l'âme.

A missão do poeta é essa, de verter no verso a sua caridade, o seu amor a Deus e aos homens, o verso feito de palavras que recebemos em nós mais completamente do que o pão e a água, que transfundem a alma de quem fala na de quem ouve. E o poeta implora a Deus que tal palavra seja produzida com a melhor substância do seu coração.

Faites que je la produise de la meilleure substance de mon
coeur comme une moisson qui va poussant de toutes
parts où il y a de la terre...

Dentro de tal enquadramento, a poesia de Paul Claudel reflete uma vocação sacerdotal: os salmos que ele não cantou no côro do mosteiro de Solesmes, cantou-os nas cerimônias do mundo, entre governantes e artistas; o ofertório que não rezou no altar sobre uma hóstia de trigo, rezou-o nos livros e nos palcos, sobre tôdas as realidades do universo.

Rezou-o, inclusive, sobre o seu próprio coração que foi o primeiro objeto do seu holocausto.

Claudel foi um homem que falou muito de si mesmo, mas o que ele confessou a respeito de sua íntima religiosidade, pôde ser visto sob uma luz nova, depois de seu falecimento, com a divulgação das páginas do seu *diário* pessoal.

Ele era um espírito contraditório, capaz de malcriações e de desdêns. Uma frase sua ficou famosa — em que ele disse que "antes da caridade de Cristo, havia as cóleras de Deus". Não era em vão que se fizera companheiro daqueles espíritos ásperos e corajosos que enfrentavam o mal como Isaías, que enfrentavam a desgraça como Jó, ou que lutavam contra o anjo

como fez o filho de Isaac e de Rebeca: sua linguagem é, um pouco, a dêsses varões remotos. Pois bem: o que o *diário* de Claudel nos permite ver, é o debate incessante dentro dêle, os dois pedaços do seu eu. E acaba sendo empolgante a confiança dessa aspiração de aperfeiçoamentos morais tornados obrigatórios por sua religião, tornados dramáticos por sua natureza.

Numa das páginas dêsse manuscrito que só postumamente se divulgou, vem o pensamento que é como o estribilho recôndito de tôdas elas, a sua inspiração contínua: “terei vivido como cristão, desde que me converti? Se anotasse todos os meus atos, todos os meus pensamentos, em que é que essa existência de cristão diferiria da existência dos que não o são? Quanta fraqueza! Quanta complacência no mal! Quantas recaídas! É tão triste que acaba sendo cômico”.

Noutra passagem, compara êle a vida de Frederico Ozanam e a sua, em termos que findam ressaltando a conclusão pungente de nem ao menos ser um rebelde pecador corajoso, mas ser apenas um ser fraco e risível. Eis o cotejo, na pena de Claudel: “de um lado, a consequência, a seriedade, a atenção; do outro, que imprevistos, que desarrumação, que negligência dos deveres, que esquecimento dos pobres! Eu sou um mamulengo opondo-se aos fios que o mantêm de cima; daí, estas quedas e estas gesticulações grotescas”.

Claudel é um cristão que luta consigo mesmo para ser melhor ou, simplesmente, para ser bom. Esforçava-se por bem visitar os pobres que lhe eram confiados por sua Conferência de S. Vicente de Paulô, mas via que um tipo especial de caridade devia ser o seu, nos altos círculos sociais por onde andava, em seu ofício de embaixador, em suas atividades de intelectual famoso; escrevia, então: “sentir, adivinhar as histórias que transparecem das faces e dos problemas que me cercam. Compreender as mensagens dêles. Ter compaixão e manter camaradagem com todos os meus companheiros de prisão e de exílio. Escutar a alma escondida no rosto mais árido ou mais grosseiro, o suspiro que há em cada palavra. Dizer que cada um dêles me foi enviado por Deus e não há nenhum a quem eu não possa fazer bem”.

Para isso, para êsse esforço de aperfeiçoamento espiritual, é que Paul Claudel, como um asceta, como o monge que exterior-

mente não foi, estudava métodos de oração, fazia retiros e exames de consciência, e não deixava nunca — quaisquer que fôssem os seus compromissos profissionais — de consagrar uma hora por dia à missa e à meditação. Depois, na velhice, quando se aposentou e passou a viver recolhido em sua propriedade em Brangues, prolongou para duas horas a estação diária na igreja da aldeia.

Era assim diversificada a ação de Paul Claudel durante os oitenta e sete anos de sua existência nobre e alta. Uma face de semelhante ação processava-se aos olhos do mundo, entre aplausos e êxitos que já se poderiam considerar como a glória; a outra, não : era secreta, defluía apenas sob os olhos de Deus. Mas, nasciam ambas de uma fonte só e tendiam a ser uma só, aguardando a revelação definitiva da morte.

Sete dias antes, fôra uma grande apoteose a representação de gala, na Comédie Française, na presença do próprio Presidente da República, do *L'Annonce faite à Marie*; agora, em Brangues, o vigário vem celebrar a missa em sua presença e fazer-lhe a extrema unção. Talvez queiram dar-lhe ainda algum remédio, talvez se inquietem e agitem ao seu redor. Por isso, êle diz:

— Deixem-me morrer em paz.

E acrescenta:

— Não estou com medo.

Foram suas derradeiras palavras.

Como iria ter medo o seu espírito cheio de tanta fé?

Bem poderia êle, se a memória o ajudasse, colher em seus velhos poemas alguns versos, alguns dos incontáveis versos em que êle veio fundindo orações adequadas a êsse momento culminante. Como êstes, por exemplo, da segunda das *cinco grandes odes*:

Je ne mourrai pas.

Je ne mourrai pas, mais je suis immortel.

Et tout meurt, mais je crois comme une lumière plus pure.

Eis o que êle estava a fazer, naquela madrugada de 23 de

fevereiro de 1955: crescia como uma luz mais pura, e o cântico de sua alma cristã saía de seus lábios mais belo e mais sonoro do que havia saído na terra, pois foi isso o que êle vislumbrou, a propósito do arquiteto:

“Maintenant que nous pouvons voir Dieu, tout est clair
et l'oeuvre nous est devenue facile

Para que, porém, ir procurar palavras perdidas no tempo? Não era necessário. A alma que pensara, que sentira, que escrevera essas coisas, dizia-as agora a Deus, diretamente.

UNIVERSALIDADE DE JORGE DE LIMA (*)

CÉSAR LEAL

Se alguém me indagasse qual seria o poeta mais representativo da moderna poesia brasileira, creio que mencionaria primeiro Carlos Drummond de Andrade, ainda que Manuel Bandeira também o seja, ao lado de outros cuja consciência moderna lhes assegura uma posição de significativa relevância. Mas a expressão poética, em nenhum deles alcança uma dimensão intelectual de fronteiras tão extensas quanto em Jorge de Lima. Acredito que sua poesia é tão importante quanto a de Fernando Pessoa, e seguramente igual à dos maiores poetas antigos de nossa língua, inclusive Camões.

Apesar dessa grandeza tão superlativa, a influência de Jorge de Lima começou a declinar desde a sua morte, em 1953. Nossa crítica tem sido responsável pelo pouco interesse que seus livros despertam entre as novas gerações. Os críticos mais novos, que deviam estar melhor preparados para uma abordagem estratégica da obra de arte poética, estão intensamente comprometidos com “o processo de desenvolvimento econômico e social do país”, deslocando seu interesse para aqueles autores cuja obra reflete — segundo eles — uma participação mais intensa nessa tomada de posição que lhes permite desenvolver um teorismo estilisticamente bárbaro, tecnicamente parasitário e ideologicamente indefinido. Consideram a situação atual do Brasil uma situação de “trânsito” de que deverão participar todos os escritores. Tal crítica, que vem utilizando uma terminologia “marxista” típica, paramarxista ou marxistencialista,

(*) Este ensaio foi publicado originariamente na revista da Universidade de Miami — *Journal of Inter American Studies* — V. 2 — abril de 1964.